

NOTAS E INFORMAÇÕES

Uma luz na economia

Depois de sete meses de queda, a produção industrial (conforme índices com ajuste sazonal) apresentou em março inflexão muito modesta, registrando aumento de 1,6%. Já os dados de abril, que acusam um crescimento de 13,4% em relação ao mês anterior, são bem mais significativos, pois parecem indicar nítida tendência de recuperação que dados parciais para maio e início de junho estão confirmando. Assiste assim ao ministro da Economia toda razão quando afirma que saímos do fundo do poço. Não se pode atribuir à atual equipe os resultados de abril, sendo porém incontestável que o novo estilo implantado pelo ministro Marcílio Marques Moreira contribuirá para que se encontrem os rumos de uma recuperação prudente, que uma reintegração à comunidade financeira internacional poderá tornar durável.

Se considerarmos que a reação da produção industrial se desenvolve sem explosão de preços, poderemos admitir que houve profunda mudança na política econômica do Brasil. Nessa visão será possível verificar, daqui a três meses, se a recessão terá sido útil depois de tantos anos de baldados esforços.

O que se registrou em abril abre uma esperança. Cumpre, no entanto, analisar os dados com prudência e ao mesmo tempo com profundidade, para que se possa chegar a sua plena significação. Sem dúvida, esse resultado não leva à convicção de que recuperamos anos de recessão. Basta lembrar que o nível de produção

de abril é apenas superior em 16,9% à média registrada em 1981, último ano do período de crescimento contínuo. Nos quatro primeiros meses deste ano, a produção industrial fica ainda inferior em quase 5% à do ano passado, que já enfrentava grave crise. Apenas sete setores acusam um aumento em relação ao mesmo período de 1990.

A reação registrada em abril é a consequência de uma série de fatores em que se salientam a necessidade de reconstruir estoques anormalmente baixos, a perspectiva de um descongelamento e a evolução favorável das vendas ao Exterior, decorrente de uma política cambial mais realista. Trata-se porém de fatores que poderão desaparecer, uma vez que não são permanentes. Os estoques poderão ser rapidamente reconstituídos e o descongelamento já se inicia, devendo-se acrescentar que este talvez ainda venha a representar novo fator positivo, na medida em que afasta a ameaça de desabastecimento existente nos setores que já não podiam suportar o congelamento arbitrário. Quanto à continuidade do processo de exportação, não depende apenas da manutenção de uma taxa cambial realista, que — esperamos — ainda se verificará, mas também da evolução da economia mundial (ora dando sinais de recuperação) e da nossa capacidade de enfrentar a concorrência.

Temos, no entanto, razões para otimismo.

Cumpre, em primeiro lugar, assinalar que a produção da indústria automobilística, em abril o único setor a acusar uma queda sob o efeito das greves, está agora em plena recuperação, permitindo prever, por causa do seu grande peso nas estatísticas da produção industrial, nova elevação nos próximos meses. Já fizemos alusão à nova política de preços que o governo acaba de definir claramente, extirpando o grande freio das atividades econômicas, a incerteza. A nova equipe econômica parece totalmente contrária a uma política de choques, processo que marcou nossa economia desde a ascensão à pasta do ministro Dílson Funaro. Impactos que foram, aliás, os maiores responsáveis pelo marasmo em que nos encontramos.

Mas talvez o atento exame de estatísticas, nem sempre bem analisadas, possa fornecer o maior argumento em favor de uma consolidação da retomada do desenvolvimento. Com efeito, tivemos em abril um aumento de 11,6% na produção de bens de capital, isto é, a indústria e a agricultura estão voltando a investir, antecipando assim um fortalecimento da produção de bens intermediários e de consumo. Quando um país volta a investir é que acredita que a demanda crescerá nos próximos meses, ao mesmo tempo em que se prepara para en-

frentar a concorrência e reduzir seus custos.

Deve-se finalmente levar em conta que os salários, que em março haviam acusado sua maior perda de poder aquisitivo, vêm paulatinamente se recuperando. Registraram-se, antes de qualquer decisão legal, adiantamentos que apresentam a grande vantagem de evitar bruscos reajustes no momento de dissídios. Estes não são desejáveis, mais ainda diante da perspectiva de um aumento da demanda a partir de meados de setembro, quando se iniciará a liberação dos cruzados novos. Isso, porém, oferece perspectiva favorável à continuidade da sustentação da demanda, a ser administrada com prudência por uma política de apurada sintonia.

Falta definir o quadro futuro da economia e resolver o problema da nossa reintegração à comunidade financeira internacional. Se conseguirmos levar a bom termo e com certa rapidez essa questão tão delicada, teremos então reunido todas as condições para recuperar a economia brasileira. O exemplo de outros países latino-americanos está comprovando que, ao resolver o problema da dívida externa, não somente se conseguem recursos de organismos internacionais e oficiais como também novos fluxos de capitais estrangeiros, que, no passado, exerceram papel essencial no crescimento econômico brasileiro, ao mesmo tempo que se torna mais fácil o processo de privatização, no mundo de hoje a condição sine qua non do desenvolvimento.